

«HÁ AINDA DEMASIADAS MISÉRIAS FÍSICAS E MORAIS, QUE DEPENDEM DA NEGLIGÊNCIA, DO EGOÍSMO E DA DUREZA DOS HOMENS».

João Paulo II

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 725

Composição e Impressão

«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

ANO XXVII

3/5/1979

HOTELARIA: QUE TAL DE INFRAESTRUTURAS CONTRA INCÊNDIOS?

«Um mal nunca vem só», diz um velho mas não obsoleto aforismo popular.

Antes fosse, e não lhe restasse argumentos e por vezes factos para se armar convincentemente.

Com efeito, extrapolando-o para o âmbito da prevenção circumspecta, o ditado continua a merecer audiência.

Suscita assim, por associação de ideias, o incêndio deflagrado no Hotel Alfamar alguns considerandos que poderão ser extensivos a outros estabelecimentos congêneres, que à sua semelhança não estão livres de serem alvejados por calamidade idêntica.

Por aquilo que conseguimos apurar, depararam-se inesperadamente aos bombeiros chamados a neutralizar o fogo declarado no Hotel supracitado, contingências e problemas impeditivos que não só reduziram muito a sua acção habitualmente denodada, como, por consequência lógica, cobraram do imóvel prejuízos elevados.

Um dos óbices encontrados, por surpreendente que pareça, consistiu no acesso difícil e pouco consolidado do Alfamar, que obrigou um veículo de grande potência motora, que é a escada «Magirus», a ser ajudada braçalmente pelos seus tripulantes e a ficar pelo caminho, sem possibilidades de utilização, um subsidiário auto-tanque, com capaci-

(continua na pág. 7)

A ESCOLA OU O PÂNTANO?

A Escola, que deveria ser entendida como porta aberta para a Vida, tornou-se um recanto de guardadores extremados, que fazem filosofia à «martelada», crescendo seus atrevimentos e desordenados apetites, envinando os jovens com sobejidades da vaidade de ruinosas ideias políticas que pretendem sobrepor a animalidade à humanidade.

Quase sempre, esses mal licenciados senhores, usam e abusam do valor dos estudantes e, quanto mais se honram de progressistas melhor esbarram pela

(continua na pág. 2)

VIOLENTO INCÊNDIO QUASE DESTRUIU O HOTEL ALFAMAR

Seriam cerca das 20 horas do transacto dia 19, quando se declarou, repentinamente e de forma impetuosa, um violento incêndio no interior do Hotel Alfamar, situado na Praia da Faleira, Aldeia das Açoteias, em Albufeira.

Dado o sinal de alarme compareceram na máxima força com a prontidão possível no local da emergência as corporações dos bombeiros de Albufeira, Loulé, de Faro (Municipais e Voluntários), Olhão, Tavira, Portimão,

Monchique, Silves, S. Bartolomeu de Messines e Vila Real de Santo António, que sob a direcção do comandante Carlos Duque, dos Bombeiros de Albufeira, envidaram todos os esforços para debelar o sinistro.

No decorrer do combate ao incêndio viriam a ser hospitalizados por intoxicação o citado comandante Carlos Duque e ou-

(Continua na pág. 3)

Nem sempre o bom ou o mau tempo está a trás da porta

Há um velho ditado latino que sentencia: «Neque semper lilia florem», isto é, nem sem-

pre os lírios (do campo) florescem.

Tal como os lírios, são as pessoas. Nem sempre estarão de humor igual ou inteiramente activas.

O tempo também, a seu modo, é sujeito a variações, não falando, claro está, nas suas características Estações.

Quem não se recorda de uns tantos dias ensolarados, de fácies precocemente primaveris, usufruídos em pleno Inverno?

Até se poderia ter comentado que o Inverno se revestira de uma euforia que se não ajustava perfeitamente ao seu desabrido feitio.

Vale isto por dizer que, no Inverno, não há sempre dias

Situação a que chegou a nossa Sociedade

Uma parte, talvez a maioria, vive decepcionada, frustrada, inibida, desinteressada, apática, obscurecida pela ignorância, consumindo-se pela inércia e pela con-

secutiva deterioração moral e cívica.

A outra, a minoria, mobiliza-se mais e cada vez mais, na luta (Continua na pág. 7)

NO LARGO DE S. FRANCISCO

— O LAGO PEDE SUPLEMENTAR ORNAMENTO

Aqui mesmo à ilharga destas linhas vem uma imagem relativamente «antiga» ao Largo de

S. Francisco.

Para mim, pessoalmente, este trecho verdejante e arbori-

zado característico de Loulé, onde se acha implantado um busto do escritor Dr. Ataíde Oliveira, tem um significado especial, pois sugere-me uma «familiaridade» intuitiva que vem de certo, em linha recta, dos meus ancestrais.

Será por isso que tenho muito apreço e até certo enternecimento (nada «pires») por este florido e ridente largo, pelo qual muitos dos meus antepassados «passaram» os seus sucessivos escalões etários, num confronto de estações e de gerações.

Não é, para mim, portanto, o Largo de S. Francisco um «Largo qualquer», mas um recanto de Loulé que muito prezo e estimo.

Será por isso, que estou usando neste escrito a primeira pessoa, será por isso, possivelmente, que frequentes vezes os meus passos para lá me conduzem e

(Continua na pág. 8)

25 DE ABRIL

Uma data histórica

Tal como foi feito em outras localidades, também em Loulé se assinalou a efeméride do 25 de Abril.

Apesar dos desencantos e desilusões que também trouxe, é-nos grato verificar que os portugueses podem festejar esta data em Liberdade e com a exuberante Alegria de quem sente, cada vez mais distante, o horrível pesadelo de ter corrido o risco de ser engolido por uma nova e cruel Ditadura. (Continua na pág. 7)

Reforma Agrária é tema controverso

A resposta esperada

II (Continuação)

Na discussão política na Assembleia da República a que já me referi, os comunistas, entre as muitas mentiras que vomitavam, quero marcar aqui uma de todos conhecida: é a do «Governo Mota Pinto — PSD».

Na verdade, os deputados comunistas não hesitaram em falar do «Governo Mota Pinto-P. S. D.», como se tal Governo existisse, quando toda a gente sabia que se tratava de uma reles mentira.

Também o «Dr. bexiga» não se incomoda e antes se julga engrandecido com as repelentes (continua na pág. 2)

Artesanato está na «Ordem do Dia» da Comissão Pró-Museu

Conquanto outras incumbências solicitem as atenções da Comissão Pró-Museu, não desvia esta, do visor dos seus empenhamentos mais imediatos, a realização oportuna de uma

campanha tendente à recolha de artesanato local, que reverterá, como recheio documental, em favor do património museológico deste vasto Concelho.

(continua na pág. 7)

25 DE ABRIL E A HISTÓRIA

(VER PAGINA 6)



Um aspecto do Largo de S. Francisco ao tempo em que a elegante estatueta simbolizando «A Sereia» ainda não tinha sido misteriosamente «desviada» do centro do largo.

Reforma Agrária é tema controverso

A RESPOSTA ESPERADA

(continuação da pág. 1)

mentiras que drena da sua pena para o inerte papel.

«Não interessa saber porque é que, ao comando de quem, este povo põe assim em risco a sua vida».

Este povo, o povo P. C., é comandado pelos comunas, como toda a gente sabe; mas não põe em risco a sua vida porque no regime de liberdade em que se move a sua vida não corre perigo mesmo quando abusa da liberdade que não merece. Se corresse perigo a sua vida, esse povo seria muito mais comedido; seria até um povo retraído.

«Não releva, mesmo, saber, porque é que o povo alentejano é, na sua maioria, «povo» do PC».

Muitas vezes é difícil compreender o «Dr. bexiga» como no presente passo onde emprega a expressão «Não releva». Qual o sentido desta expressão?

Relevar significa pôr em relevo, saliente; mas «Não salienta saber», não faz sentido.

E já que a fosforescente dialectica bexigosa não nos ajuda a decifrar o pensamento incógnito do jurista do manifesto, atrevemo-nos pensar que ele quereria dizer «não importa» ou «não vale a pena, mesma, saber»...

Todavia queremos desmentir aqui o «Dr. bexiga»: vale a pena saber porque o povo alentejano é, na sua maioria, povo do PC. Em primeiro lugar não acredi-

tamos que, na sua maioria, o povo alentejano seja do P. C., que contudo terá aí a sua mais larga expressão.

Isto será devido, em primeiro lugar ao seu baixo nível mental; em segundo lugar à desonestidade intrínseca do comunismo que se aproveita da ignorância das camadas mais pobres do povo para lhes impingir promessas inatingíveis.

Os comunas destroem a economia pública e privada, diminuindo assim postos de trabalho; e depois fomentam manifestações contra os despedimentos como se as empresas que perdem metade das suas transacções pudessem manter os postos de trabalho que tinham antes dessa perda; ou como se as empresas que estão em declínio pudessem erguer-se aumentando as suas despesas sem aumento de receitas.

Evidentemente que só uma massa de ignorantes pode deixar-se manipular para acções contra despedimentos de empresas em declínio como se os empresários efectuassem despedimentos exclusivamente para arrelhar os trabalhadores.

E contudo os comunas manipulam pobre gente para vir à rua esganicar-se contra os despedimentos, acção pura e absolutamente inútil.

Assim se explica o predomínio dos comunas no Alentejo.

«É desnecessário dialogar com

ele, informar-se (dele) e informá-lo (a ele) porque é que a unidade colectiva ou a Cooperativa, isentas de impostos e, em alguns casos, não pagando os empréstimos, lhe não podem pagar salário mais alto (e frequentemente lhe paga mais baixo) do que o ganho de fome que lhe paga o agrário».

É, na verdade, desnecessário dialogar com esse povo para o convencer da verdade enquanto for dominado pelos comunas. Esse povo não quer acreditar na verdade e enraivece-se quando lhe pretendem ministrar. A verdade não convém ao seu instinto desafiado pelo comunismo.

Há 34 anos que está feita a prova de que o regime comunista é inferior, e muito mais inferior do que a democracia, para a política dos trabalhadores. Contudo muitos destes negam-se a reconhecer esta verdade, esta real verdade.

Terminada a segunda Grande Guerra, a Polónia, a Checoslováquia, a Hungria, a Roménia, a Bulgária e a Jugoslávia, são regimes comunistas, regimes onde a situação dos trabalhadores é inferior aos do resto da Europa.

Berlim, que depois da citada guerra, se dividiu em Berlim-Leste e Berlim-Occidental, deu a mais perfeita clarificação da diferença entre os dois regimes: de Berlim-Leste todo o mundo procurou fugir para Berlim-Occidental, e só foi possível estancar o grande fluxo com o estabelecimento, por Berlim-Leste, de um muro divisorio das duas partes da cidade.

O ocidente dá trabalho aos portugueses, aos italianos, aos espanhóis, aos argelinos e outros africanos; mas os países comunistas nenhuma capacidade têm para dar trabalho, até aos trabalhadores comunistas, a operários estrangeiros que dele necessitam.

(Conclui no próximo n.º)

NEVES ANACLETO

LOULÉ



MARIA DA CONCEIÇÃO MADEIRA

AGRADECIMENTO

Sua família, agradece a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas aquelas que a acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nos seus corações.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

VENDE-SE

AUTOMÓVEL

Opel Record, 1.700 (cilindrada) em estado novo.

Tratar pelo telefone 62631 LOULÉ (das 13 h. às 14 h. ou a partir das 20 h.).

(3-2)

FELTROS INDUSTRIAIS

para todos os fins

CASA CHAVES CAMINHA
Av. Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Tel. 885163

A ESCOLA OU O PÂNTANO?

(continuação da pág. 1)

ladeira abaixo da fidalguia. A infiltração das ridentes doutrinas dos exageros e das limitações da Escola, exige que os Pais dos alunos tomem consciência do grande número de defeitos prejudiciais que enrolam em canudos desiguais os futuros homens de amanhã.

Mal se pode imaginar um contraste maior do que o existente entre os que pretendem conservar a concepção dramática e dirigista em que se encontra a Escola e os que, da boa-vontade, procuram modificá-la, reformá-la, colocá-la ao serviço das populações.

Aí está a importância do papel dos Pais. Tive conhecimento da criação de uma Associação de Pais em Loulé, presidi-

da pelo sr. Manuel B. Filipe Viegas, colaborador deste jornal que, certamente, pela sua experiência vivida já teve ocasião de se arrepiar com a incompreensão e a incultura que existem nas escolas deste País.

Pela sua coragem, pelo seu esforço, pela sua vontade, peço-lhe que continue em frente com a sua tarefa tão significativa, de gratidão e de respeito, porque, na verdade, os estudantes sentem-se cada vez mais desamparados.

É que Loulé também é vítima do obscuro e triste ensino dos sucedâneos veículos de irresponsabilidade e será muito mau se os estudantes se habituarem ao estrépido dos ferrolhos e às obras de desvario.

Luis Pereira

Moi e Lau Hing, Actividades Hoteleiras, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 5 de Abril corrente, lavrada de folhas 36 a folhas 38, do Livro n.º B-38 de Notas para Escrituras Diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Francisco Augusto Moi e Maria Chang, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «Moi e Lau Hing, Actividades Hoteleiras, Lda.» e tem a sua sede na Rua Projectada à Avenida Infante de Sagres, n.º 13, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, no Lote Dois, durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

2.º — O seu objecto consiste na exploração de restaurantes e «Snack-Bar» e similares, podendo explorar qualquer outra actividade em que os sócios acordem e seja deliberado em Assembleia Geral e que não seja proibido por lei.

3.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro é de trezentos mil escudos, dividido em duas quotas, do valor nominal de cento e cinquenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada sócio.

4.º — 1) É livre a cessão de quotas total ou parcial en-

tre sócios, mas a estranhos depende do consentimento da sociedade.

2) Fica desde já dispensada a autorização da sociedade para a divisão de quotas entre herdeiros dos sócios.

5.º — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence aos sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, bastando a assinatura de qualquer um deles para a sociedade ficar validamente obrigada.

§ 1.º — É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto social, designadamente prestando fianças, avales, abonações, sacar e aceitar letras de favor.

6.º — Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com pelo menos quinze dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Abril de 1979.

O 3.º Ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

Quer empregar-se?

Podemos proporcionar trabalho nocturno a indivíduos entre os 18 e os 40 anos de idade. Se está interessado escreva para este jornal ao n.º 48.

A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS BILHETES DAS EMPRESAS: MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

★

Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo) QUARTEIRA — ALGARVE

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS
CARTAZES PUBLICITÁRIOS



Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA
(10-8)

ARMAZÉM EM ALMANCIL TRESPASSA-SE

BOM ARMAZÉM, NOVO, COM 170 M2, NO CENTRO DE ALMANCIL, COM A RENDA MENSAL DE 12.500\$00, ÓPTIMO PARA SUPERMERCADO, CASA DE MOBÍLIAS, QUALQUER ESTABELECIMENTO COMERCIAL, OU ARMAZÉM, TRESPASSA-SE.

CONTACTAR DR. JACINTO DUARTE — TELEFONE 62747 — LOULÉ.

(4-4)

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —
R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

VIVA O COMUNISMO... ...NA RÚSSIA!

Por JOÃO DO MAR

Já algum dos leitores se deu alguma vez ao trabalho de olhar para o mapa da Ásia e da Europa pensando na ameaça russa?

Pois quem ainda não o fez que o faça e diga sinceramente se consegue dominar um movimento de recuo produzido pelo medo ao contemplar esse enorme país que é a U.R.S.S., com mais de 22 milhões de quilómetros quadrados, (quase uma sexta parte da superfície total da terra firme) ao pé dessa autêntica migalha que, junto dele, nos parece a Europa.

Lembra um enorme animal, um dinossauro fenomenal, com a infeliz Polónia já entalada entre os dentes.

E não podemos deixar de perguntar: porque será que essa monstruosa fera não engoliu ainda o resto da pequena Europa? Será falta de apetite? Será que nunca pensou em tragá-la?

Abramos, então, o compêndio de história. Ficamos logo sabendo que a U.R.S.S., desde o tempo de Ivan, o Terrível, passando por Pedro, o Grande, por Catarina e acabando nos bolchevistas de 1917, nunca pensou noutra coisa senão em expandir-se, em lutar, em conquistar, cobçando em primeiro lugar a Europa.

Essa cobiça nunca deixou de existir e continua na nossa época cada vez com mais força. Mas, em vez de atacar de frente, a enorme Rússia dos nossos dias assenta prudente e economicamente arrastais em África na esperança de sufocar a Europa, cortando-lhe a rota das matérias primas e do petróleo. Usa a manha, o ardil, o oportunismo, faz guerra barata fomentando revoltas, instalando sistemas políticos fiéis, fornecendo armas e soldados comprados baratos na sua escrava Cuba.



QUIRINO PIRES MADEIRA

1 ANO DE SAUDADE

Sua família participa a todas as pessoas amigas e de suas relações que, sufragando a alma do saudoso extinto, será rezada missa na Igreja Matriz de Loulé, no próximo dia 17 de Maio, pelas 10,30 h., agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignem participar neste piedoso acto.

Mas não faz guerra directa. Se se sentisse forte daria simplesmente um pontapé na Europa e tomaria conta dela num ápice. Assim não: vai de roda, devagar, prudentemente por se sentir ainda fraca; receia quebrar os seus próprios pés de barro.

Mas um gigante tamanho terá mesmo pes de barro?

Vejamos o que nos continua a ensinar a História a esse respeito.

A U.R.S.S. apesar de ter minérios de toda a ordem e matérias primas quase inesgotáveis, de possuir as seis maiores barragens do globo, de ser o maior produtor de petróleo e gás natural do Mundo, de ter nas mãos as terras mais produtivas de todo o planeta, entre elas a Ucrânia, antigamente considerada como o celeiro da Europa, apesar disso tudo, repito, tem a sua agricultura e a sua indústria desequilibradas necessitando de constantes auxílios americanos e ocidentais para se aguentar. Notícias recentes dizem-nos que o chefe duma missão americana que foi ultimamente encarregada de estudar o problema cerealífero na URSS declarou aos jornais: «Se me autorizarem a utilizar pessoal, máquinas, sementes e adubos americanos, eu garanto que conseguirei produzir, só na Ucrânia, milho suficiente para alimentar toda a U.R.S.S.».

Porque será então que sendo um país tão rico, não se compromete a sério numa guerra? Voltando ao compêndio de História ficamos sabendo que a U.R.S.S. apesar de dominar e administrar uma extensão quase incomensurável de esplêndidas terras agrícolas não consegue extrair nem sequer o suficiente para dar de comer ao povo, não obstante a sua densidade populacional ser das mais baixas do Mundo (apenas cerca de 10 (!) habitantes por quilómetro quadrado) aprendemos que todos os anos se vê obrigada a comprar quantidades maciças de cereais; aprendemos que há meia dúzia de anos a sua produção cerealífera foi inferior à do tempo dos czares, apesar de existirem hoje em dia máquinas, adubos e sementes seleccionadas que permitem obter colheitas dez ou mais vezes superiores às que se obtinham então; aprendemos que a sua indústria, as suas finanças e a sua economia, são tão catastróficamente administradas que a U.R.S.S. recebeu da América, nestes últimos anos, 40 biliões de dólares de empréstimos e auxílios; aprendemos que nos auxílios americanos, a Rússia continua a reclamar a «cláusula de nação mais favorecida»; aprendemos enfim que este país riquíssimo está transformado numa autêntica e enorme empresa industrial completamente falida que já se teria desmoronado há muito se não fosse as esmolas que recebe dos seus inimigos.

E ficamos abismados! Como

pode um país potencialmente riquíssimo fazer figura e vida de pobre?

Examinando a História mais uma vez, encontramos a explicação: «É por causa do Comunismo!!! Os pés de barro do gigante são o comunismo, o comunismo é o busilis da Rússia, um busilis tão desastroso, que consegue tirar as forças a um gigante como ela! Devemos portanto estar agradecidos a esse busilis, pois se na Rússia funcionasse um sistema eficiente como o americano, há há muito tempo que estaríamos todos esborrachados debaixo das patas do grande urso.

Portanto, viva o comunismo na Rússia.

Mas vejamos agora o que é o comunismo que nos protege.

Vejamos a quem estamos a dar vivas. Vejamos a quem estamos a agradecer e aabençoar.

O comunismo assenta os seus pés sobre a morte. Só pela morte e pelo medo da morte consegue vencer. É como um grande predador que não pode viver sem matar. São milhões e milhões as vítimas que têm deixado pelo caminho.

É um sistema político tão cruel, tão otópico, tão asnático, que é impossível de pôr em prática. É por isso um sistema que não há, que não existe, nem nunca existirá em parte alguma do Mundo.

O que existe, sim, é a «construção da estrada para lá chegar». O que existe é a luta feroz para obrigar o povo a dar o seu trabalho, o seu sangue, a sua vida, para fazer o «maquedame» da «via» que há-de levar rumo a esse maravilhoso lugar... inexistente.

Há 60 anos que começaram a construir essa estrada onde foram gastos a energia, o trabalho e o sangue da nação, deixando-a tão fraca que não lhe sobejam forças para mais nada.

É uma crueldade pensá-lo, mas Deus nos livre que os russos compreendam finalmente que o comunismo não existe, que estão a construir uma estrada rumo a uma coisa que não há e que nessa construção estão a gastar todas as suas forças, todas as suas energias, todo o seu sangue, inutilmente. Se assim for, se desistirem da construção da famosa estrada vermelha que não conduz a parte nenhuma e começarem a praticar uma política coerente rumo a «algo que exista», em pouco tempo a U.R.S.S. tornar-se-á no que poderia ter sido sempre se não fosse a utopia comunista. Tornar-se-á na nação mais forte e mais rica do Mundo. E então, tendo como tem o vício da conquista, aí de nós, aí de todo o mundo livre que eles num ápice tomarão em seu escravo.

É por isso que devemos gritar a plenos pulmões:

Viva o comunismo... longe de nós.

Deus o conserve...

NA RÚSSIA!

NOTÍCIAS PESSOAIS

CASAMENTO

Na Igreja de S. Lourenço de Almansil, celebrou-se no passado dia 21 de Abril o auspicioso enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Isabel Martins Aguiar Ferreira, professora da Escola Industrial e Comercial de Silves, prezada filha da sr.^a D. Vitória Palma Brito Martins Aguiar e do nosso prezado amigo sr. José Leandro de Aguiar Ferreira, chefe da Estação dos C.T.T. de Faro (e que durante largos anos exerceu idênticas funções em Loulé), com o sr. Dr. Luís Alberto Pina Estanislau, professor na Escola Industrial e Comercial de Silves, filho da sr.^a D. Maria Julieta Sousa Pina Estanislau e do nosso estimado amigo e dedicado assinante sr. Luís Vieira Estanislau, funcionário da estação de Loulé da E.D.P./E.P..

A cerimónia religiosa foi celebrada pelo Rev. Padre Elísio e decorreu com a maior solenidade merecendo especial relevo as leituras litúrgicas feitas pelos nubentes e as palavras incisivas e muito oportunas proferidas pelo celebrante acerca dos sentimentos que o casamento deve inspirar.

Foi celebrada missa acompanhada a órgão, o que proporcionou uma tocante imagem do verdadeiro significado da comunhão de sentimentos que deve prevalecer entre o casal.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.^a D. Amélia da Conceição Furtado Miretes Coelho Martins, residente em Loulé, e o sr. José Perdigão Vilhena Carapeto, residente em Aljustrel, e por parte do noivo seu pai e a sr.^a Dr.^a D. Maria Dulce Duarte da Piedade Barros.

Após a cerimónia religiosa os convidados reuniram-se no Hotel D. Pedro, em Vilamoura onde se realizou um almoço de confraternização.

O jovem e simpático casal seguiu em viagens de núpcias pelo norte do país.

Aos noivos e seus pais endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos por uma vida conjugal plena de venturas.

FALECIMENTOS

No Hospital de Loulé, faleceu no passado dia 1 de Abril a sr.^a D. Maria da Conceição Madeira, natural de Póvoa-Novo (Loulé), que contava 89 anos de idade e era viúva do sr. Manuel Madeira Cavaco.

A saudosa extinta era mãe da sr.^a D. Maria Madeira Cavaco, casada com o nosso dedicado assinante e prezado amigo sr. Manuel Domingues Pereira, e avó das sras. D. Maria Alda Cavaco de Sousa, casada com o sr. Hortênsio Filipe Rosendo, D. Herondina Cavaco Pereira e do sr. Valêncio Madeira Domingues.

Deixou 1 bisneto.

A família enlutada «A Voz de Loulé» apresenta sentidas condolências.

Em casa de sua residência, em Loulé, faleceu no passado dia 22 de Março o nosso conterrâneo sr. Manuel Pires Júnior, proprietário em Loulé, que contava 82 anos de idade, e deixava viúva a sr.^a D. Beatriz de Jesus Casanova.

O saudoso extinto era pai dos srs. Manuel Rodrigues Pires, casado com a sr.^a D. Teresa de Jesus Salgadinho, Modesto Rodrigues Pires, casado com a sr.^a D. Zélia Pinto Carrusca e da sr.^a D. Maria Rodrigues Pinto Farrajota, casada com o nosso dedicado assinante e prezado amigo, sr. Manuel Costa Farrajota, sócio-gerente da firma José Francisco Costa & C.^a Lda., e era avó da sr.^a D. Maria Catarina P. Carrusca Pires e do sr. Manuel Pinto Carrusca Pires.

A família enlutada «A Voz de Loulé» endereça sentidos pesames.

VIOLENTO INCÊNDIO NO HOTEL ALFAMAR

(Continuação da pág. 1)
tros elementos de várias corporações que na árdua tarefa se expuseram aos fumos e emanações ocasionados pelo fogo.

A partir desse momento coube ao comandante da corporação de Loulé, Carlos Leal, assumir a condução das operações.

Foi sem dúvida alguma um trabalho difícil aquele que se deparou aos «homens da paz», pois quando chegaram ao local do incêndio já este tinha tomado amplas proporções e se tinha transformado numa enorme fogueira.

Pelo que foi aventado, o fogo propagou-se no seu interior, tendo sido motivado ao que se julga por uma hóstede, uma senhora de nacionalidade holandesa, não possuidora de todas as suas faculdades mentais, que pereceu no sinistro.

Assim se explica que uma vez ateado o fogo, este rapidamente

te alastrasse antes que fosse lançado o sinal de alerta.

Pela primeira vez, desde que foi adquirida foi empregue a escada «Magirus», dos Bombeiros de Loulé, que desenvolveu uma acção notória nas operações de combate.

A neutralização do fogo nos sexto e sétimo pisos esteve a seu cargo, através da sua escada «telescópica» e da sua agulheta-canhão.

Foi, portanto, por intermédio da sua escada que os bombeiros penetraram nos referidos pisos munidos de agulhetas de nevoeiro.

A sua intervenção decidida permitiu salvar das chamas o restaurante «Panorama» que faz parte integrante do complexo hoteleiro.

Contudo, uma vez dominado o incêndio que destruiu cerca de 60 por cento das instalações, foram estimados os prejuízos em aproximadamente duzentos mil contos.

Trespasa-se

SNACK-BAR - CERVEJARIA - RESTAURANTE

GRILLO

ANTIGA CASA «MÃE SOBERANA»

Rua 1 de Dezembro, 28 — Tel. 62737 — Loulé

Tratar com o solicitador João Iria
Largo D. Pedro I, 15 — Tel. 62187 — LOULÉ

(3-2)

Cadeiras e Mesas

Vendem-se mesas e cadeiras (de restaurante e café) de ferro e fórmica, estofadas, em estado novo.

Tratar pelo telefone 65390 — QUARTEIRA.

COMPRA-SE

Pistola 6.35 em bom estado. Resposta ao n.º 37 da Av. José Costa Mealha — LOULÉ.

(2-1)

CAFÉ DELFIM

TRESPASSA-SE

COM SNACK-BAR E SALÃO DE CHÁ.

NO MELHOR LOCAL DA VILA.

TRATAR PELO TELEF. 62093 — LOULÉ.

(4-2)

CANTINHO DA CRIANÇA

SECÇÃO DE E PARA A CRIANÇA

É sempre bemvinda e bem acolhida a tua colaboração

Da Escola do Serradinho, aqui de Loulé, recebemos com apazimento umas tantas composições poéticas de alguns dos seus juvenis alunos.

Chegou, depois de terem aguardado certo tempo, a sua vez cronológica de publicação.

Por isso, aqui tomam desta feita o seu lugar, no «Cantinho», com o destaque inteiramente merecido.

É curioso notar que é a «criança» o tema dominante ou a motivação preponderante focada na generalidade das poesias apresentadas, cuja autoria... é lavra da própria criança.

Ou seja, é a criança ante o espelho (da introspecção), que se analisa e discorre sobre a sua pessoa, mas de forma... impessoal.

Apenas duas outras poesias se ocupam de temáticas diferentes, mas, ainda assim, de vincada propensão algarvia — as chaminés características e as amendoeiras em flor.

J. C. Viegas

● CANTINHO DA CRIANÇA

O que é uma «criança»? uma criança é uma flor, que nasce todos os dias como nasce o Sol.

É um homem «mulher» em ponto pequeno.

As crianças devem viver com «amor» e «carinho».

Uma criança é uma pessoa.

As crianças são pessoas que abrem e fecham os olhos. Como o livro da escola. Uma criança é um homem.

Luís José Santos
(12 anos)

O que é uma criança?
Uma criança é uma criança, é um homem de amanhã.
É uma flor que se cria
É uma nova natureza
É um novo ser
É um novo amigo.

Marco Paulo Estriga Relvas de Sousa (8 anos)

UMA QUADRA SOBRE A CRIANÇA

Ano internacional da criança para ela o ano maior.
E ela que nos dá esperança de termos um futuro melhor.

Ângela Cristina Coelho Santos (9 anos)

POEMA

O que é uma criança?
Uma criança é uma flor.
Uma criança é esperança.
Uma criança é a luz do amor.
Uma criança é a flor da manhã.
Uma criança é uma pedra de cristal.
Uma criança é o dia de amanhã.
Uma criança não há nada igual.

João Paulo Agostinho Martins (10 anos)

VERSOS

Chaminé Algarvia
recordação da minha Terra
É a ti que eu queria
Para quando a noite encerra.

Chegou a Primavera
As amendoeiras estão em flor
Ai que belas, ai que belas
Até nos dão amor.

Clara Maria Coelho Guerreiro (9 anos)

AMENDOEIRAS EM FLOR

As amendoeiras em flor
De beleza sem igual
Como tu não tens rival
São um hino de amor
Panorama encantador
Deste nosso Portugal.

Ó Algarve, tens beleza
Brilha o Sol
Reluz o Mar.
Tu és com certeza
A Província Portuguesa
Das lendas de encantar.

Sandra Salgadinho Cabrita (9 anos)

A encerrar o «Cantinho» de hoje segue-se uma terna poesia da compiladora e orientadora desta tua secção, a Dr.ª Idália Farinho Custódio.

É dirigida não a ti em exclusivo, mas a todas as crianças do mundo, que tu simbolizas.

NÃO SEI SE É UMA HISTÓRIA DE NATAL...

Era uma estrela da cor da luz das noites de Natal.
Brilhava o brilho dos olhos de todos os meninos do mundo.

Eu estava na minha casa simbólica sentada no meio de pedras azuis e sob um luar alaranjado.

Eu tinha um sonho dentro do meu coração.
Vi a estrela no céu no sol na terra.

A estrela sentou-se no meu colo azul.

A luz brilhante da estrela fechou as minhas pálpebras.

De repente...
Um menino igual a uma estrela sorriu encostado ao meu peito.

Os anéis loiros dos seus cabelos bailavam ao som da minha respiração.

Fora de mim e do meu menino estavam os cordeiros e a doçura de uma flauta.

Fora de mim e do meu menino estava um caminho com lírios brancos. e o simbolismo de uma estrela.

Dento de mim e do meu menino estavam «todos» os meninos do mundo...

Não sei se era uma noite de Natal...

Se era noite de Natal eu compreendo a simbologia do meu menino! Mas não sei se era noite de Natal...

Idália Farinho Custódio

Transcrições de «A Voz de Loulé»

Tem o nosso jornal a felicidade de contar entre os seus colaboradores 2 jovens que, mercedamente, estão a evidenciar-se no campo do jornalismo como elementos válidos a prestigiar a imprensa regional e que consideramos como autênticas revelações.

Por sinal ambos são louletanos, facto com que muito nos congratulamos, e que até talvez, possa servir de estímulo para que outros jovens desponham no firmamento do jornalismo local.

Lembremo-nos, por exemplo, que José Manuel Mendes, se revelou quando começou a escrever nos «jornais de parede» dos Escuteiros de Loulé e que aí despertou várias vocações que muito o têm valorizado como homem.

Será portanto desejável que mais jovens surjam a revelar o seu valor, quer seja ou não através dessa magnífica escola da vida, que é o Escutismo.

Tudo isto vem a propósito de o conhecido e corajoso jornal «A Barricada» ter transcrito de «A Voz de Loulé» 2 crónicas escritas pelos 2 colaboradores a que nos estamos referindo. O primeiro é o artigo que José Manuel Mendes escreveu sob o título: «Portugal, um País a meter água» e que mereceu daquele semanário os seguintes comentários:

«Foi da «Voz de Loulé», que escolhemos o artigo que esta semana preenche esta secção onde como os nossos leitores muito sabem, transcrevemos o que de melhor lemos na Imprensa

regional portuguesa, sem dúvida a autêntica grande Imprensa nacional, já que é através dela que de facto se chega ao coração do nosso povo, nos mais recônditos rincões da nação lusitana.

E o referido trabalho da autoria de José Manuel Mendes intitulado «Portugal um país a meter água» e caracteriza-se por uma notável objectividade na apreciação da trágica situação em que o país foi lançado e nos perigos eminentes de naufrágio da grande banca nacional.

Manifestando a nossa admiração pelas qualidades jornalísticas de José Manuel Mendes, categoricamente patenteadas e cumprimentando correalmente o ilustre director de «A Voz de Loulé», José Maria da Piedade Barros que tão brilhantemente desempenha a sua difícil missão, aqui transcrevemos na íntegra e com a devida vénia».

O outro artigo, também transcrito pela «Barricada», intitula-se: «Tá todo o Mundo Entendido?» e foi antecedido do comentário seguinte:

«A nossa transcrição de hoje para preencher este espaço onde reproduzimos o que de melhor lemos na Imprensa Regional, é mais uma vez de «A Voz de Loulé», que sob a brilhantíssima direcção de José Maria da Piedade Barros, se vem afirmando como um dos mais notáveis bastiões da luta contra todos aqueles que se obstinam em entregar e tentar destruir a velha civilização lusitana.

Para todos quantos trabalham em «A Voz de Loulé», as nossas mais cordeais felicitações e o preito da nossa admiração pelo brilhante artigo que com a devida vénia aqui transcrevemos na íntegra, ao seu autor, Luís Pereira».

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Faz-se público que a SHELL Portuguesa, SARL, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 450 litros, sita na Av. Infante de Sagres, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas dos Decretos n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, e 422/75, de 11 de Agosto que aprovam a Regulamentação de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, de Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 5 de Março de 1979.

O Director de Serviços,
(Assinatura ilegível)

AGRADECIMENTO



HORÁCIO VALÉRIO GUERREIRO
(Franqueada — Loulé)

EDUARDO COELHO INÊS
(Vale d'Éguas — Almandil)

Suas famílias, a fim de evitarem quaisquer faltas involuntárias, por desconhecimento das moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que se dignaram acompanhar os saudosos extintos às suas últimas moradas.

O Parque Municipal de Loulé

Em quase todas as cidades e vilas há sempre o seu recanto paradisíaco, onde o cidadão local e o forasteiro, procura para descansar, espalhar e meditar e, levando por vezes a sua família, é com os filhos que confraternizamos, estando todo o agregado familiar em perfeita comunhão de lazer, ao mesmo tempo respirando um pouco de ar puro.

É certo que essas Alamedas, Parques e outros de nomes diferentes mas de mesmas finalidades, são sempre uma espécie de sala de visitas dos lugares onde se situam, que são as Autarquias.

Das diversas terras do Algarve que conhecemos, Loulé é sem dúvida alguma aquela que tem a tal sala de visitas em desenvolvimento.

Todos sabemos da destruição sistemática de tudo que seja para melhorar, alindar, tornar mais cívico, enfim tudo que nos traga maior benefício, por parte dos municípios que não sabem ou não querem, conservar o património do seu habitat. A outra destruição é aquela que mais

directamente nos atinge; é a perturbação do nosso sossego e descanso, quando procuramos o local para isso.

Pois o Parque não tem vedura no local para isso destinado, pois que por incrível que pareça os veículos de 2 e quatro rodas circulam pelos espaços criados para esse fim.

Não compreendemos como é possível que este Parque possa estar neste estado, não diremos de total desprezo, já que a zona destinada aos infantis — Ano Internacional da Criança? — está mais cuidada. Mas tal só é possível devido — ainda é a única forma — à existência de uma vedação metálica que devida a brutalidade energúmena da grande esperança que são as crianças.

Quanto a nós, aquilo que nos afecta grandemente, são as insuportáveis viaturas, por vezes de escapes livres, que nos incomodam e sobressaltam o nosso espírito.

Não é concebível que um pobre busque local que lhe indicaram como convidativo ao relaxamento, meditação, leitura,

ect., veja o mesmo atravessado de uma forma brusca e ruidosa, a que o nosso cérebro e sistema nervoso não deixam de ser afectados, veículos que para si possuem estrada própria por onde deverão transitar.

Reparem só o que é estar sentado num dos apenas 5 bancos existentes — não provará o desleixo? — e estar em plena quietude e por vezes a dormir e o nosso organismo ser sobressaltado pelo malfadado ruído — grande mal deste século — sim, aqui, onde vos escrevemos, o ruído vale por muito mais.

Não entendemos o porquê deste trânsito neste Parque, trânsito que consideramos despropósito, pois que por onde ele é feito é zona destinada a vedura, desde a Rua N.º S.ª de Fátima, penetrando em terrenos que em tempos teriam sido alternativa, que já não se justifica se repararmos que o mesmo trânsito se destina à Escola Técnica e haver uma boa estrada para esse fim. É uma situação que o Município deverá pôr cobro, senão nos terrenos privados.
(continua na pág. 5)

Quando conduzir um veículo pesado e ao aperceber-se de que pretendem ultrapassá-lo, faça sinal com o pisca-pisca de esquerda se considerar essa manobra perigosa.



A sua ajuda pode evitar um acidente.

Reforma Agrária é tema controverso(III)

Respondendo ao Dr. Dias Costa

(Continuação)

Pelos vistos, o sr. dr. Dias Costa, além de perceber de advocacia também se interessa muito pela agricultura do Alentejo, pois parece querer dar-nos a entender que está bem informado acerca do que lá se passa. So que vivíamos das suas fontes de informação, pois dizem-nos que é notória a falta de gado no Alentejo numa época do ano que antes era de abundância de cabritos, porcos, etc.

É muito dizer-se que as primeiras impressões são as que permanecem mas afinal no caso presente aconteceu exactamente o contrário. Sabe, Dr. Dias Costa, quando lemos a sua carta ficamos com a impressão que V. Ex.ª percebia tanto de agricultura como de advocacia, mas depois falamos com pessoas que até percebem das suas profissões e mais uma vez chegámos à conclusão de que V. Ex.ª se limitou a desbobinar a tal casete que nos fala das conquistas alcançadas, da reforma agrária, do pão, da paz, da habitação, da protecção ao povo trabalhador, das amplas liberdades, etc., etc., e depois «meteu muita água» naquilo que escreveu (ou transcreveu).

É dizemos isto porque falamos com um negociante de gado e ele «largou» esta frase: «Pergunte a esse cavalheiro, onde está a fartura de porcos que era tradicional na Feira de Almodovar a 15 de Fevereiro? Onde param os gordos porcos do Alentejo? Se acha que, se houvesse fartura de gado, a carne estaria a 300\$00/Kilo?»

... Mas falta acrescentar que já esteve muito pior quando em 1975/76/77 se roubaram gados para vender de contrabando e se mataram animais ao desbarato. Até os próprios proprietários os vendiam baratos... antes que os assaltantes chegassem e levassem tudo. Foi um autêntico descalabro... embora o Dr. Dias Costa use lentes de aumentar...

É agora só está melhor porque já não há M.F.A. a apoiar assaltos e a «Agricultura» foi travada...

Achamos extremamente curiosa a justificação que nos dá da falta de trigo: foi a população que aumentou, é o clima que não serve, etc.. Os argumentos habituais. Mas o ainda mais en-

graçado é V. Ex.ª afirmar que a Reforma Agrária pode destruir e substituir por processos novos as obsoletas formas de cultivo.

Como resposta a estes falsos argumentos (que afinal são o inverso da realidade) aconselhamos V. Ex.ª a ler hoje, noutra página deste jornal, o esclarecedor artigo, «Viva o Comunismo... na Rússia», há dias publicado no jornal «O Dia». E aconselhamo-lo para que V. Ex.ª fique informado acerca dos desastrosos resultados de 60 anos de experiência numa Reforma Agrária que tem tornado a Rússia o maior importador de cereais do Mundo! Como sabe, a «Agricultura» do Alentejo é passada a papel químico da União Soviética e por isso os resultados teriam que ser forçosamente os mesmos... com o consequente descalabro (já bem evidente) da economia agrícola portuguesa.

x x x

Como chegámos ao capítulo da cortiça logo pensamos: safa que este advogado sabe de tudo e percebe de tudo — embora com juízos ultrapassados.

Pois caro, Dr., segundo nos informaram, o que se passou com a cortiça foi a coisa mais simples e natural do Mundo: a Natureza ofereceu-nos os sobreiros e nós não tínhamos técnica para transformar a cortiça em rolhas. Só havia uma solução: exportar cortiça e importar rolhas da Inglaterra, da Suécia, da Argentina.

Depois, como criancinhas que supõem ter achado o mais belo brinquedo do Mundo, gritamos bem alto ao Mundo: nós já não vendemos cortiça. Quem quiser rolhas que nos compre. Mas a nossa técnica era ainda incipiente e não suportámos a concorrência estrangeira que, sem a nossa matéria prima, converteu a sua indústria e encontrou outros produtos sucedâneos.

Deixámos de vender cortiça e não tínhamos quem nos comprasse as rolhas e o resultado foi tão desastroso que nem valia a pena tirar a cortiça das árvores...

Entretanto a nossa indústria modernizou-se e hoje exportamos cortiça, rolhas e muitos outros produtos manufacturados da cortiça e ainda importamos

rolhas... porque o comércio mundial (ainda) é livre.

Talvez V. Ex.ª até nem saiba que Vila da Feira é hoje o maior centro industrial de cortiça do Mundo e que em 1978 foi de 8 milhões de contos o valor da cortiça exportada.

Como vê, V. Ex.ª julga-se grande sabichão, mas vive na ignorância dos factos, não sabia ainda, a razão porque importamos rolhas e não sabia (ainda) que há longos anos exportamos rolhas.

Vê-se assim, que V. Ex.ª pisa terrenos tão falsos e tão mal-dosamente pisados que poderíamos ir muito longe para lhe perguntar que destino terá sido dado ao produto da venda da cortiça negociada tão misteriosamente (clandestinamente) pelas U.C.P. na zona da Agricultura, agravando os problemas com as transacções de cortiça.

V. Ex.ª bem precisava de uma lição acerca da agricultura no Alentejo antes de assinar o tal manifesto.

«É pena que não tenha agido de modo a merecê-la» por quem saiba dá-la.

O sr. Dr. será assim tão ingénuo (ou pensará que o somos?) para não ver que o PCP tem a sua «máquina» organizada no Alentejo para espoliação e devastação das terras de reserva para delas sugar todo o dinheiro possível e contribuir para que estas ao serem restituídas aos legítimos proprietários, não tenham possível aproveitamento económico?

O sr. Dr. não vê, ou não quer ver?

Como é que o sr. Dr. se atreve a criticar o corte das árvores antes do 25 de Abril para ignorar, pura e simplesmente, o corte maciço da riqueza florestal no Norte do Alentejo efectuado nos últimos 3 anos? Leia só isto:

Em Junho de 1978 «A Capital», denunciava que «o ritmo diário de estradas de camionetas nos madeireiros de Abrantes tem excedido a centena. Pinheiros, eucaliptos e até oliveiras e sobreiros, têm sido abatidos em herdades inteiras num crime bárbaro contra a Nação, a natureza e os homens», acrescentando ser necessário que se «comece a fazer luz sobre a história tenebrosa do Alentejo e da sua pilhagem».

Diz ainda o mesmo jornal que «Ninguém tem a coragem de alinhar números e dizer a verdade, mas os factos não podem ser destruídos: em 3 anos da famigerada reforma deverão ter desaparecido da circulação normal da riqueza agrícola dezenas de milhões de contos diminuindo as receitas do Estado em número de igual grandeza».

«A ocupação comunista do Alentejo verificou-se em 1975, antes das colheitas ou com os frutos ainda armazenados. O total dessa colheita — uma das maiores de sempre — desapareceu. Os novos danos da terra nunca mais pagaram nada a ninguém, incluindo impostos e Previdência».

O produto da venda da cortiça dos anos 75, 76, 77 e 78 desapareceu sem deixar rasto».

Sr. Dr. Dias Costa: bastarão estes números para V. Ex.ª ter uma pálida ideia da grandeza da roubalheira agrícola praticada à sombra da «Reforma» ou precisará que lhe ofereça alguns livros para V. Ex.ª ficar ciente do que é o Alentejo dos nossos dias? Parece que V. Ex.ª está mesmo a leste do Paraíso...

Será para que tudo continue neste alucinante ritmo de destruição, que os 17 juristas do Algarve decidiram juntar os seus nomes para apoiarem a Agricultura?

(Continua)

0 Ano Internacional da Criança

terá sentido sem que cesse o fabrico de armas?

A guerra é, todos reconhecem, o maior mal do Mundo, que os homens por vaidade, orgulho e ambição teimam em manter, com efeitos cada vez mais desastrosos, dado a preocupação de engenhos com maior poder de destruição de vidas e haveres.

Para assinalar condignamente o Ano Internacional da Criança, bem ficaria aos Governantes das Nações envidarem esforços no sentido de cessar o fabrico quem diz de engenhos de guerra diz das bombas quer nos últimos tempos têm sido usadas para destruir até obras de arte que deveríamos guardar e respeitar em memória dos nossos antepassados. Como as grandes potências a falarem de paz se vão armando «até aos dentes» como o Povo diz, havendo Nações com regimes ditos progressistas que vão fornecendo material bélico a quantos, cul-

tos ou incultos, abracem esses regimes, o perigo está eminente para quantos habitam o planeta da Terra.

No actual estado de coisas em que por todo o Mundo as guerras se multiplicam, dado o materialismo que domina, há necessidade impariável de desenvolver o espírito de auxílio mútuo para que os mais poderosos, materialmente falando, claro, suavizem as faltas dos mais carecidos e assim venha a ser possível a paz que Cristo pregou.

Em ambiente de guerra não se poderão desenvolver crianças sãs de espírito e como corpo sem alma equivale a jarra sem flores, que os jovens e adultos se esforcem pela prática do que é bom, calculando o que é mau. A guerra é um mal. Repudiá-la fica bem a todos.

J. Piscarreta

CARTA DE UM EMIGRANTE

Hamilton, 29/3/79

Ex.mo Senhor Director
de «A Voz de Loulé»

Em primeiro lugar as minhas desculpas pelo atrevimento.

Eu, Egídio Nunes dos Santos, assinante de «A Voz de Loulé», é com muito gosto que todas as semanas tiro algum tempo para ler com atenção tudo o que neste papel se escreve.

Senhor Director, pois eu li com bastante atenção o artigo da página n.º 8, onde diz respeito ao comunicado da Juventude Social Democrata.

Devo dizer-lhe que esses rapazes falam de uma maneira que, se eu com 39 anos de idade sempre tenho tido gosto de ser Português, agora ainda mais alegria sinto por saber que, temos em Portugal, jovens que sabem contar as verdades e que escrevem de modo a que o povo com pouca escola como eu, tome conhecimento dos métodos como as pessoas são tratadas

nos países governados por essa «boa gente».

É com todo o gosto que li e mostro a amigos meus o comunicado da Juventude Social Democrata.

Egídio Nunes Santos

N. R. — O amor pátrio é a flor mais preciosa que brilha no coração do emigrante. Eles entendem as profundezas do portuguêsismo e não se cansam de labutar pela Família por Portuguesa.

O sr. Egídio Nunes dos Santos, subscritor desta carta amiga, entendeu, mesmo com a pouca escola que o obscurantismo cultural lhe concedeu na morde-dura do tempo, o comunicado da Juventude Social Democrata, que tem sabido observar os múltiplos problemas de que o País é vítima e apresentar propostas de alternativa.

Os emigrantes, melhor do que nós, pela sua experiência no trabalho com refugiados dos países da cortina de ferro, sabem reconsiderar e apoiar todos aqueles que lutam em Portugal pela instauração da Democracia, da Liberdade e das garantias dos Direitos Humanos. Compreendem a necessidade de um sistema novo, sem métodos velhos, que não assente em ditaduras de qualquer sinal.

As nossas felicitações pelo seu sentir de Verdadeiro Português.

0 Parque Municipal de Loulé

(Continuação da pág. 4)

dos pelo menos vedando o que é de domínio público.

Para terminarmos, esta e outras situações, fazem tecer uma opinião. Para este caso faz-nos lembrar a formiga que todo o caminho lhe serve para o seu destino, só que a diferença entre esta e o condutor de velucos é que para aquela o seu caminho é a sua subsistência, o seu afã de trabalho e os condutores o prazer da destruição do meio ambiente desde que seja para seu comodismo doentio.

Carlos Simões

Legião de Honra para um português combatente da I Grande Guerra

A Cruz de Cavaleiro da Legião de Honra de França foi entregue, em cerimónia efectuada no Mosteiro da Batalha, ao capitão reformado Manuel de Sousa, combatente da Primeira Grande Guerra, pelo general Jean Lagard, chefe do Estado Maior do Exército francês, que se encontra de visita ao nosso País.

O capitão Manuel de Sousa junta esta condecoração francesa a muitas outras com que foi agraciado por feitos em combate, em que chegou a ser ferido. O antigo combatente, hoje com 84 anos, assentou praça na Escola Prática de Artilharia em 11 de Janeiro de 1915, seguindo para a frente de batalha, em França, em 2 de Março de 1917, então como 1.º cabo de artilharia.

Durante a guerra, veio a ser promovido, por distinção, a 2.º e a 1.º sargento, posto com que regressou a Portugal, onde prosseguiu a carreira militar.

Jean Lagarde, que era aguardado no mosteiro pelo seu ho-

mólogo português, general Pedro Cardoso, prestou depois homenagem perante o túmulo do Soldado Desconhecido, onde depôs uma coroa de flores.

A cerimónia, além de várias entidades militares portuguesas e comitiva do chefe do Estado Maior do Exército de França, assistiu um grupo de antigos combatentes da Primeira Grande Guerra, encabeçado pelo general Almeida Viana, o governador civil de Leiria e os presidente e vice-presidente da Câmara Municipal da Batalha.

A deslocação do general Jean Lagarde ao Mosteiro da Batalha terminou com uma visita guiada pelo vice-presidente do município local, que é também o seu conservador.

Jean Lagarde regressou à tarde a Lisboa, a fim de visitar a Academia Militar.

A delegação militar francesa regressa hoje a Paris.

«A CAPITAL» de 8 de Março de 1979 — Correspondente Guilherme dos Santos Jr.

LOULÉ



MÁRIO ANTÓNIO
DA SILVA

1 Ano de Saudade

Sua família vem por este meio comunicar a todas as pessoas amigas e de suas relações que, no próximo dia 22 de Maio, pelas 10 horas, será celebrada missa na Igreja Matriz de Loulé, sufragando a alma do saudoso extinto.

Antecipadamente se agradece a comparação de quem participar na celebração da Eucaristia.

«O 25 DE ABRIL E A HISTÓRIA»

«Os cravos do 25 de Abril faram-se sobre um monte de estercor... Os militares portugueses, sem nenhum motivo para isso, fugiram como pardais, largando armas e calçado, abandonando os portugueses e os africanos que confiavam neles (...). Era natural que os capitães quisessem voltar depressa para casa. Os agentes do MFA exploraram e deram cobertura ideológica a esse instinto das tripas, justificaram honrosamente a cobardia que se lhes seguiu. Um bando de lebres espantadas

recebeu o nome respeitável de «revolucionários» (...), escreveu-se na nossa História uma página ignominiosa de cobardia e irresponsabilidade, página que, se não for rasgada, anula, por si só todo o heroísmo e altura moral que possa ter havido noutros momentos da nossa História e que nos classifica como um bando de rufias indignos do nome da nação».

António José Saraiva

(Do «Diário de Notícias»)

1.os JOGOS FLORAIS DE TEMÁTICA POLICIÁRIA

Promovidos pela Secção «Enigma Policiário», que a Revista «Passatempo» insere, estão a disputar-se os «1.ºs Jogos Florais de Temática Policiária», subordinados aos temas Novela, Conto, Reportagem, Ensaio (Li-

teratura Policial), Ensaio (Literatura Policial Portuguesa), Problema e Poesia.

O prazo para a entrega dos trabalhos termina a 10 de Agosto próximo, verificando-se a distribuição da valiosa lista de prémios a 7 de Outubro, em Santarém, integrada num Convívio onde estarão presentes alguns dos escritores nacionais de maior nomeada do género, estando ainda patente uma exposição de Literatura Policial Portuguesa.

O Regulamento, a inscrição ou qualquer outro esclarecimento podem ser solicitados para «Enigma Policiário» — Rua Tenente Valadim, 43, r/r, esq. — 2000 - Santarém - Codex.

DOIS JOVENS

QUISERAM SER PRESOS

E «ALGO» FIZERAM

PARA ISSO

No pretérito dia 22, apresentaram-se voluntariamente pelas 2 horas no Posto Policial desta localidade, dois jovens que declararam ter cometido vários estragos em vidros alheios.

Com efeito, insolitamente, José Lúcio Ronquinho, de 21 anos, e Bráulio da Silva Tomás, de 22 anos, residentes em Loulé e Arceiro, respectivamente, partiram a soco e a pontapé os vidros de diversas portas e janelas, o vidro da bomba de gasolina de uma empresa revendedora e ainda o farol de uma viatura além de causarem algumas amolgadelas.

Estimados os estragos estes acendem para cima de uma dezena de contos, o que quer dizer que foram muitos os vidros partidos pelos supracitados indivíduos.

Entretanto, como nas declarações que prestaram afirmaram que o seu fito era serem presos caso contrário fariam muito pior.

Assim em face às depreciações provocadas e às próprias declarações a sua vontade foi atendida pelo que ficaram encarcerados.

COMISSÃO EXECUTIVA

PARA O SANTUÁRIO

de N.ª S.ª DA PIEDADE

CORRIGENDA

Por omissão nossa, pela qual nos penitenciamos, não foi incluída na local inserida neste jornal a 19 de Abril último, reportada à constituição da nova Comissão Executiva para o Santuário de N.ª S.ª da Piedade, o nome de um dos seus componentes, José Gomes Romeira Morgado, que nela está também integrado.

Fazemo-lo agora, portanto, apresentando as devidas desculpas pela involuntária omissão cometida.

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório: — A cargo da Notária Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no Livro n.º C-58 de Notas para Escrituras Diversas, de folhas 81, a folhas 83, v., se encontra uma escritura de justificação outorgada no dia vinte e quatro, deste mês, na qual, José Brito Silva e mulher, Maria Júlia Cavaco Romão, residentes na povoação e freguesia de Almansil, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem do seguinte prédio:

Urbano, composto de uma morada de casas térreas para habitação, com dois quartos, cozinha, sala, casa de banho, varanda e logradouro, com a área coberta de cinquenta e seis metros quadrados e a descoberta de duzentos e sessenta e oito metros quadrados, situada na povoação e freguesia de Almansil, concelho de Loulé, que confronta do norte e poente com Manuel Mendes Leal, do nascente com estrada e do sul com Joaquim da Silva, omissos na respectiva matriz predial, mas já participada a

sua inscrição, na Repartição de Finanças deste concelho, a que atribuem o valor de cem mil escudos.

Que o mesmo está omissos na Conservatória do Registo Predial, deste concelho, conforme se infere de uma certidão lá passada, hoje, que me foi apresentada.

Que este prédio foi inteiramente construído à sua custa, num talhão de terreno para construção urbana, com a área de cento e oitenta e nove metros quadrados, a desanexar do prédio rústico, inscrito na matriz predial rústica da aludida freguesia sob o artigo número mil oitocentos e sessenta e nove, doado, por seus pais, Joaquim da Silva e mulher, Maria Joana de Brito, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residentes na mesma povoação de Almansil, em vinte e sete de Junho de mil novecentos e setenta e quatro, a folhas cento e trinta e nove, verso, do Livro n.º C-76 de Notas para Escrituras Diversas, do Primeiro Cartório desta Secretaria, e posteriormente os mesmos doadores em quinze de Fevereiro do corrente ano, de folhas 46 a 47, v. do Livro número C-105 de Notas para Escrituras Diversas do mesmo Cartório, doaram-lhe mais um talhão de terreno com a área de cento e trinta e cinco metros quadrados, a desanexar também do artigo rústico número mil oitocentos e sessenta e nove, da freguesia de Almansil, a fim de aumentar a área do logradouro do prédio então construído e ora identificado.

Que atendendo ao disposto no artigo treze número um do código do Registo Predial, não são aquelas escrituras de doação título suficiente para registo, a verdade é que os doadores eram na data das referidas escrituras de doação, donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrem de um prédio rústico, sito na dita povoação e freguesia de Almansil, composto de terra de semear com árvores e casas de habitação e arrecadação, com a área de quinhentos e quarenta e oito metros quadrados, que confronta do norte e poente com Manuel António Laurêncio, sul com António

Joana de Brito e outro, do nascente com caminho, inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo número mil oitocentos e sessenta e nove, com o valor matricial de setecentos e oitenta escudos, do qual desanexaram e doaram os aludidos talhões de terreno também, omissos na Conservatória, como consta de uma certidão apresentada, porque em data imprecisa, mas que sabem ter sido no ano de 1936, terem os referidos doadores comprado aquele prédio rústico, pelo preço de mil escudos, por mero contrato verbal, e nunca reduzido a escritura pública a Iria Lopes, viúva, natural e residente na aludida povoação de Almansil.

Pelo que desde então, sempre o possuíram em nome próprio, sem menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que o haviam já adquirido por usucapião, na data das aludidas doações, não tendo em face do exposto, possibilidade de comprovar o seu direito de propriedade perfeita, sobre o mesmo prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 27 de Abril de 1979.

O 3.º Ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

CHAMA-SE

«SUIÇO ATLÂNTICO»

UM NOVO HOTEL

INSTALADO EM LISBOA

Abriu recentemente as suas instalações um novo estabelecimento hoteleiro, situado na Rua da Glória em Lisboa, o «Suíço-Atlântico» de 2 estrelas, portanto, em pleno coração de Lisboa.

O «Suíço-Atlântico», que dispõe de cerca de 100 quartos e de um quadro de pessoal constituído por 32 elementos, tem como director Fernando Gonçalves, igualmente incumbido da direcção do Hotel Embaixador e à frente da secção de reservas Susy Mimosa, que já esteve anteriormente colocada no Aparthotel Auralmar, em Albufeira.

LOULÉ



GERTRUDES DA SILVA CABANITA

AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Trespasa-se

Mini-mercado das Quatro-Estradas (Casa Maia), com várias secções, incluindo talho. Muito afreguesado. Motivo à vista. Preço de ocasião.

Tratar no próprio local ou telefone 62897 — LOULÉ.

(3-3)

St.ª Catarina dos Quartos LOULÉ



JOAQUIM DE SOUSA (Rosal)

AGRADECIMENTO

Sua família vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam da sua grande dor, e se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso e chorado extinto, não o fazendo pessoalmente, como era de seu desejo por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE FARO

AVISO

Avisam-se os utentes desta Caixa que, por motivo de alteração do horário de trabalho dos seus serviços administrativos, estes, a partir do próximo dia 26 do corrente, passarão a ter o seguinte horário de funcionamento:

2.ª a 5.ª feira — 9 às 12,30 e 14 às 17,45 horas
Sexta-feira — 9 às 12,30 e 14 às 17,30 horas

O serviço Informativo encerrará, no primeiro período às 12 horas e, no segundo, às 17,15 horas, com excepção das Sextas-feiras, em que encerrará às 17 horas.

A Tesouraria manterá o horário actual, com encerramento respectivamente às 12 e às 16 horas.

Faro, 24 de Abril de 1979.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

SITUAÇÃO A QUE CHEGOU A NOSSA SOCIEDADE

(continuação da pág. 1)
pela destruição de tudo, desde os sentimentos morais e valores cívicos aos sentimentos, valores e direitos de Estado e Nação Soberana, animada pela cega e feroz inconsciencialização, que a verborreia dos seus sequeiros dirigentes lhe incute, sob o lema a seguir: «quanto pior melhor».

Estamos perante uma Sociedade em geral, dividida, em duas facções representadas: pela imóvel e perplexa, conservando conceitos, escrúpulos, sentimentos e valores latentes, mas inibida, frustrada, não mobilizada pela acção, por falta de orientação e promoção de dirigentes capazes de se preocuparem mais com os interesses e valores sociais, que dizem defender, do que com os pessoais, que na realidade defen-

dem apaixonada, egoística e narcisisticamente e, pela móvel ou dinâmica, destituída de escrúpulos, alienada dos conceitos, valores e virtudes morais e cívicas, dos sentimentos pátrios e do respeito pelo direito civil ou de Estado, implantada pela subversão de valores e impulsão na acção pela luta de reivindicações sucessivas e impossíveis de sustentar, com o fim de desestabilização, tanto de estruturas como de sectores laborais e sociais, que numa permanente dinamização destrutiva vai corroendo e minando até à total aniquilação, de acordo com a vontade e ideias incutidas.

Assim temos essencialmente duas facções: a moral, laboriosa na destruição radical e, a móvel caracterizada pelo comodismo e cobardia consequente e alienante.

A facção activa radical conta imensas vitórias, infelizmente bem trágicas para a Nação e Estado, expressamente rotumbantes, na «exemplar descolonização» que os súbditos e abnegados falsários a soldo e serviço prestaram e prestam a seus superiores donos, os representantes e responsáveis pela expansão e domínio da grande potência, que se propôs e anseia à escravização e comunização Universal, a Rússia, padroeira e prometedora pátria futura dos líderes portugueses e seus rebanhos macabros, que constituem esta minoria apátrida inconsciente e escravizada por ideias dogmáticas, demagógicas e sectárias, que a uns tantos inviabiliza da razão, deixando-se arrastar e arrastando na acção a sua Pátria e Nação para a fogueira, sob promessas falsas de virem a usufruir, ao serviço da redentora Super-Potência da escravização colectiva e Universal, lugares de destaque e benesses que o seu obscurantismo doentio impossibilita de reflectir, quando encerram de utópicas e falaciosas.

Perante esta realidade objectiva expressa pelos acontecimentos e evolução da Sociedade Portuguesa, impõe-se mobilizar a opinião pública eficazmente, sair do marasmo, acordar as maiorias, para escaparmos ao incêndio ou à comunização e escravização de todos, num alheamento, que redundará na total alienação.

Manuel Bota Filipe Viegas

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

(10-6)

HOTELARIA: Que tal de infraestruturas contra incêndios?

(continuação da pág. 1)

dade de 12 000 litros de água necessária ao alimento das aguieiras.

O outro óbice surgido, também deploravelmente, incidiu nas condutas de água ao hotel, que, em face às carências da emergência, apresentaram um débil e deficiente caudal de líquido, à quem das exigências.

Estes dois óbices somados, restringiram notoriamente a capacidade de resposta desenvolvida pelos soldados da paz.

Entretanto, há a reconhecer que humanamente tudo fizeram para dominar a situação e que (foi-nos dado aperceber), a escada «Magirus», dos Bombeiros Municipais de Loulé, assumiu um papel preponderante no combate ao fogo, devendo-se a ela, que este não tomasse maiores proporções.

Chegados aqui, ante as constatações que o caso deixa perceber, parece-nos azado o momento para levantarmos uma interrogação pertinente às infraestruturas de segurança contra riscos de incêndio existentes nos complexos hoteleiros.

Por vezes o risco (porque julgado remoto) é descurado e menosprezado mas com ele terá cautelarmente de se contar e precaver.

Deste modo, se os sistemas de segurança, sempre preconizados pelas entidades incumbidas de aprovar o direito de ocupação estão conformes com o preceituado, nada mais haverá a acrescentar, se não talvez adicionais e reforçados dispositivos de alerta e resguardo.

Se, pelo contrário, foram por circunstâncias várias minimizados ou subestimados os dispositivos mínimos de salvaguarda de pessoas e bens, é então boa a altura de rever e balancear todos os sistemas vigentes e dotá-los de permanente funcionalidade.

Em qualquer apuro eventual, valerá sempre a pena antes prevenir (com objectividade e sagacidade) que remediar e improvisar.

O alerta, nesse preciso sentido aqui fica expresso.

J. C. Viegas

Artesanato está na «Ordem do Dia» da Comissão Pró-Museu

(continuação da pág. 1)

Traçou portanto um plano de acção que ora decorre apenas a nível de esclarecimento e de divulgação, pois entendem os seus componentes que só por intermédio da participação consciente dos produtores e fabricantes convenientemente alertados para o efeito será possível agenciar auspiciosos préstimos.

Posteriormente e em data a fixar, um grupo de jovens enquadrado por elementos da Comissão, devidamente credenciados, deslocar-se-ão aos diferentes locais do Concelho para contactar com os diversos núcleos de artesanato a fim de fazerem a colecta das peças de sua manufactura.

Chama-se pois a atenção de que esse grupo se fará identificar como vinculado à Comissão Pró-Museu e que o produto das ofertas se destinam exclusiva e expressamente para o Museu, que registará a sua recepção.

Haverá todo o interesse em averbar a origem e procedência dos artefactos produzidos pelo que se, possível for, as peças dexam-se fazer acompanhar de um cartão (tipo comercial) que prestará essa elucidação, sendo útil até quando o mostruário for colocado em exposição.

Procurar-se-á, assim, facultar aos visitantes e turistas os informes da genuidade relacionados com as peças artesanais expostas e ao mesmo tempo fomentar a sua promoção comercial, desta feita, em proveito e benefício dos produtores e fabricantes de artesanato.

Convém referir, por outro lado, que o Museu só estará em condições de abrir as suas portas quando o acumulado patrimonial o justificar.

Antes de tal seria prematuro qualquer intento nesse sentido.

Explica-se assim o motivo porque tanto se empenha a Comissão Pró-Museu no êxito desta campanha.

J. C. Viegas

25 DE ABRIL

uma data histórica

(continuação da pág. 1)

tadura ardilosamente disfarçada de Libertação Nacional.

E porque esta é uma verdade indesmentível, concordamos com o programa concretizado em Loulé para assinalar a histórica data do 25 de Abril.

...Só foi pena que, na exposição que esteve patente na Avenida Costa Meilha, onde se mostravam fotografias dos horrendos crimes praticados pelo nazismo alemão, não se vissem também imagens dos horribéis crimes praticados pelos sociais-fascistas em 60 anos de feroz ditadura — porque em ambos os regimes são espezinhados os mais sagrados direitos e as mais preciosas liberdades fundamentais do Homem. Foi pena.

OPORTUNIDADE DE EMPREGO

Oferece-se trabalho aliciente a jovem com boa formação liceal (e activo), MESMO SEM EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL.

Dirigir carta, manuscrita, a este jornal ao n.º 47.

GARDENS AND SERVICES NLIMITED

PESSOAL - PRECISA-SE

PARA JARDINS:

- Ajudante canalizador
- Electricista ou Ajudante e outros

Contactar nos escritórios desta firma,
ao lado do Restaurante Pitucha em Almansil

EMPREGADO PARA MECANOGRRAFIA

PRECISA-SE

- SEXO MASCULINO
- CURSO COMERCIAL OU EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ADEQUADA
- CONHECIMENTO DE PROGRAMAÇÃO É CONDIÇÃO DE PREFERÊNCIA
- RESPOSTAS MANUSCRITAS A: FRANCISCO MARTINS FARRAJOTA & FILHOS, LDA. — APARTADO 13 — LOULÉ.

APONTAMENTO

Política - Amor - Fraternidade

Ao pegar hoje na caneta, para escrever este apontamento, confesso que ainda não sei por onde começar nem que tema irei abordar. É uma coisa que acontece a muito boa gente ligada à imprensa por devoção ou obrigação.

Vejam os p's o que há-de ser. A política está, como costuma dizer-se, na ordem do dia, e por isso, tem a sua oportunidade. Mas nós, não somos políticos, na verdadeira acepção da palavra, e apesar de independentes, não somos indiferentes. Norteia-nos, antes de mais, o interesse nacional, como de resto tem sido apanágio deste jornal.

A política, tal como a pintou Bordalo Pinheiro, é aquela porca, onde muitos chupam na teta e outros andam à procura dela, para poderem sugar por sua vez. Entre nós, a política tem vivido, ultimamente, de autênticos golpes de teatro, e por isso não falta quem a classifique de palhaçada nacional. Mas, a verdade é que estamos em democracia, e nela, o voto é que pontifica. Por essa razão, não podemos deixar de estar atentos, não vá acontecer ao que resta deste nosso

Portugal, o que aconteceu à sua África.

Posto isto, mudemos de assunto.

Ao relancear os olhos, pelo jardim, fronteiro ao meu escritório, deparo com um par de jovens, sentado num banco, trocando afectuosos beijos, num idílio amoroso, que os torna indiferentes a tudo quanto se passa à sua volta. É um quadro vulgar e banal, a que já ninguém liga importância. De resto, como dizia Santo António, o amor quando puro, tem as bênçãos do Céu. E nós, perante aquele quadro recuamos no tempo e até ao Paraíso, onde todos os animais se amavam, desde o cão ao gato, e onde todos os frutos se podiam colher e comer, excepção feita, claro está, à cerebérnima maçã. Mas a mamã Eva não resistiu à tentação da serpente, e quando Adão deu por isso, já a tinha, a maçã, na garganta, e o melhor era engoli-la. Perdeu-se toda a pureza, e o homem passou a trabalhar para poder subsistir. Surgiu o interesse, a posse, a inveja, o ciúme, o ódio e o crime. A paz aboliu-se, praticamente, da terra.

A fraternidade, perante o egoísmo humano, não tem passado duma quimera. Ela ainda não tocou o coração de todos os homens, apesar da mensagem de Cristo, que muitos têm em desconhecimento. Em vez de fraternidade, fala-se de liberdade, confundindo-se esta com licenciabilidade. Todos falam de liberdade, mas esquecem as responsabilidades. Há na verdade que fazer um grande esforço educativo, nesse sentido, porque sem educação cívica, não haverá tranquilidade, que é como quem diz, paz, na comunidade humana. Esta, é uma realidade, nua e crua, de que não temos de que nos queixar, enquanto o homem continuar a ser, o lobo desse mesmo homem.

Machado Pinto

DEFLORAÇÃO

Ancorei aqui. Meti um padrão no meio destas gentes. Quis ser um testemunho de paz e amizade. As horas mudaram, porque tudo passa, tudo muda e, eu achei-me errado. Tão errado como a Terra, tão indefinido como os Céus. Ao longo dos anos a Vida é um complexo. Os amigos quando aparecem, surgem como o mundo quotidiano que é sofrimento, que aterroriza e perturba a consciência.

E as ideias tornam-se dramáticas. Cada um procura viver as suas fantasias. Sem um sentido de responsabilidade perante o que é humano. Os mais conscientes indignam-se, caem nos figurinos, nos gestos, nas posições, na arte. E a característica dominante é sofrer.

Como é possível ser puro? Se em busca das coisas possíveis os problemas nos travam o andamento? Diante dos olhos a verdade nos foge quando pretendemos entrar nela. As paixões apagam-se quanto mais impressões sentimos no coração. As imagens tornam-se vazias quanto mais pensamos em estender ao futuro, os nossos conhecimentos.

Como sintoma de cansaço, num clamor de angústia, quando damos por nós sentimos a voz da morte segredando-nos ao ouvido: São horas!

É um homem de sonhos e florações mal tem tempo de fechar os olhos...

LUÍS PEREIRA

Frente Democrática Eleitoral

VÁLIDA E POSITIVA
CONCEPÇÃO ESTRATÉGICA
DAS FORÇAS POLÍTICAS

A proposta Frente Democrática Eleitoral pelo Dr. Freitas do Amaral do CDS, confirma a antecipada previsão duma Frente Democrática, proposta e defendida pelo Dr. Sá Carneiro do PSD.

Esta relação de semelhança básica e comum quanto a necessidades e finalidades essenciais, são testemunhos verossímeis, que a proposta actual do CDS da Frente Democrática Eleitoral é válida, positiva e premente.

A referida proposta oferece possibilidades, pela flexibilidade, em que se deve articular seus termos, de alternativa e opção a todas as forças político-partidárias, democráticas, ao envolvimento e aglutinação, numa expressão e dimensão que não mais poria em causa a vontade democrática da maioria do Povo e Estado português, perante uma minoria delimitada, vinculada e conotada de esquerda, representativa político-partidária — marxista, stalinista, que fortemente e cada vez mais, se empenha, pelas usuais técnicas e táticas de estratégia, impedindo e degradando toda a vida da nossa Sociedade, que se abeira do trágico, assim como das formas de vivência democráticas, a caminho do colapso.

É oportuno, pelo momento que se apresenta, de desfalecimento da tão mutilada e jovem democracia, que todos os cidadãos democratas portugueses tomem consciência do perigo que correm, assim como da herança a legar a seus filhos, presentemente muito comprometida, para que num futuro gesto válido e responsável, aponham o seu voto de eleitores, de acordo com os ideais que professam, dentro do quadro político-partidário, democrático, representado com certeza, pela proposta Frente Democrática Eleitoral.

Em primeiro lugar é preciso, que todos saibam, quais os partidos políticos que se têm definido na prática, não na retórica ou dialectica, por acções e comportamentos conducentes à via democrática e, os que ao contrário obstruem, mutilam e sacrificam a promoção democrática da Nação e Estado, procurando simulada e sarcasticamente velar

por interesses estranhos mas, arrogando-se ignobilmente em defensores da jovem Democracia, que tão empenhadamente tentam desmembrar, na expectativa de aplicação de golpe certo e mortal à sua quase inerte cabecinha, que esperam ansiosamente ver rolar e poder apresentar a seus donos ou chefes, como prova da sua fidel e consumada vitória.

A Frente Democrática Eleitoral ou qualquer outra coligação de forças partidárias democráticas, é o obstáculo n.º 1 à consumação da vitória final das forças políticas minoritárias esquerdistas, e anti-democráticas, óbices que procuram destruir por não gratos aos seus desígnios apátridos mas, gratos aos da Nação e Pátria Portuguesa.

Manuel Bota Filipe Viegas

Largo de S. Francisco

(continuação da pág. 1)

as minhas atenções mais desveladas ali se concentram.

Noto por isso o cuidado evidente que se tem posto no seu ajardinamento e embelezamento.

Contudo, não deixo de reparar, sempre que deparo com o seu lago, que algum ornamento condizente deveria tomar por pedestal a tosca pedra que se situa no seu centro.

Pelos vistos (posteriormente assim o constatei) o elemento decorativo que eu havia idealizado para esse local, já existiu há tempos e desapareceu, deixando até agora um «vazio» lamentável que ninguém ousou preencher.

Pois parece-me que já será ocasião de refazer a estética do lago e dotá-lo com o complemento que ele mudamente solicita.

Não implicará isso forçosamente na encomenda de uma obra cara de estatutária, bastará, por exemplo, um trabalho austero em varão de ferro alusivo aos peixes do lago, que ali coexistem e atraem a curiosidade da criança.

A sugestão aqui fica, na expectativa de uma resolução pronta.

J. C. Viegas

Dos governos após o 25 de Abril qual terá corrigido mais erros que o de Mota Pinto?

Não é segredo que nos homens do 25 de Abril muitos agiram mais por individualismo e partidarismo de que por patriotismo e daí erros sem fim, que têm conduzido a Nação a situação devesas difícil. Os Governos provisórios, ditos progressistas falharam, e bem, porque as «ampas liberdades» deram em droga, repudiando-se aquele que algo fazia para se abraçar o que mais falava. Os governos constitucionais com o chamado «socialismo em liberdade» não falharam menos, visto muito se ter prometido para pouco ou nada ser cumprido, quer no campo social quer no económico, havendo progresso apenas em dívidas.

Os chefes políticos e sindicais têm contribuído em grande escala para o actual estado de coisas, pois se os primeiros sofrem de «partidarismo», os segundos incluem nos chamados progressistas, são os principais fomentadores de greves, muitas vezes condenadas até pelo Povo, que dizem defender, mas que ao fim e ao cabo é a maior vítima dos atentados praticados pelos «senhores» de Portugal que na sombra convenionam ataques aos que algo procuram corrigir, com vista a desestabilizar Governos que não alinhem nas manobras sujas da Reforma Agrária, Cooperativas de Produção e tantas outras que têm contribuído para a ruína da Nação. O Governo de Mota Pinto, procurando corrigir erros, não convém aos pseudo progressistas, que regra geral, colocam os interesses partidários acima dos nacionais, não lhes importando pois que a Nação se afunde para depois se arvorarem em «anjos» salvadores protegendo os seus

adeptos e desprezando, maltratando mesmo, os que não se ajustam à sua forma de ser e agir.

Desejam os pseudo progressistas eleições antecipadas, opondo-se a quanto o Governo Mota Pinto defendia com vista a travar o descalabro dos governos anteriores, não olhando às despesas e incómodos que um acto eleitoral acarreta, porque lhes interessa mais confundir e baralhar que servir e esclarecer.

Há, portanto, que pôr termo à devastação, que mais não têm feito os pseudo progressistas. Há mesmo, para evitar disparidades de volume nos salários ordenados, que estabelecer vencimentos

de categoria segundo o trabalho e responsabilidade de cada um e subsídio de vida igual para todos e se maior para alguns, que sejam para os de mais reduzidos vencimentos. Há, enfim, muito que fazer, para que nos aproximemos de justiça social, mas como tal só será possível com ordem, disciplina e vontade de acertar aproveitando-se de vez os saberes que a Nação conta para obra útil e fecunda sejam eles religiosos ou ateus, brancos ou pretos, direitistas ou esquerdistas, centristas ou independentes e não se gaste a palavra democracia para fazer anti-democracia.

J. PISCARRETA

VIATURA INCENDIADA provoca a morte dos seus dois ocupantes

Mais um acidente de viação de consequências funestas enlutou a estrada Loulé/Quarteira, no passado dia 16, seriam cerca de 3 horas da madrugada.

Por motivos que se desconhecem, o veículo ligeiro de marca Mini Clubman, número de matrícula FA-87-62, despistou-se saindo do eixo da estrada perto do Restaurante Baião, embatendo de seguida num pinheiro e capotando depois. Para completo infortúnio a viatura pegou fogo, carbonizando os seus dois ocupantes.

Eram eles dois jovens, Eduardo Coelho Inês, de 23 anos, solteiro, residente em Vale de

Éguas, Almansil, e Horácio, vulgo Rola, de 27 anos, solteiro, residente na Ponte do Carcaval.

Ao local compareceram os bombeiros de Loulé, num auto de pronto-socorro que chegaram a tempo de sufocar as chamas da viatura, mas não a tempo de salvar os seus infaustos ocupantes.

CONDENAÇÕES NO TRIBUNAL DE LOULÉ por passagem de dólares falsos

Em resultado de um julgamento decorrido no Tribunal Judicial da Comarca de Loulé, de 19 a 21 de Março último, em face a auto de querela levantado pelo Ministério Público que envolveu um caso relacionado com a passagem de dólares falsos, foram condenados os seguintes indivíduos:

— José Francisco Pinheiro Leal, com 4 anos e 1 mês de prisão maior e a 10 mil escudos de multa;

— António Jorge Cavaco, com 4 anos e 6 meses de prisão maior;

— António Henriques de Sousa, com 2 anos e 6 meses de prisão maior e 5 mil escudos de multa.

Os sentenciados recorreram ao Tribunal de Relação de Évora.

A. S.

A COOPERAÇÃO COM ANGOLA passa (agora) pela Bulgária...

Como país neo-colonialista que já é, a Bulgária vai cooperar com Portugal na solução de problemas que temos em Angola e Moçambique, em cuja administração os búlgaros já ocupam posições de relevo.

É esta a conclusão a que se chegou face às entusiásticas manifestações de cooperação luso-búlgara, inseridas nos pontos apresentados como conclusões da viagem de Ramalho Eanes àquele país do Leste.

Isto nos leva a pensar que, se calhar foi com dinheiro oriundo

da Bulgária que alguém pagou a anti-fascistas portugueses (?) o trabalho de pintalgarem as nossas paredes com os famosos «slogans»: abaixo o neo-colonialismo; «Nem mais um soldado para o Ultramar», para se evitarem confrontações bélicas com os novos colonizadores...

Imagínem-se: os búlgaros estão também, agora em Angola e Moçambique (tal como os cubanos, etc.) a explorar os pretinhos.

Quem tal diria?